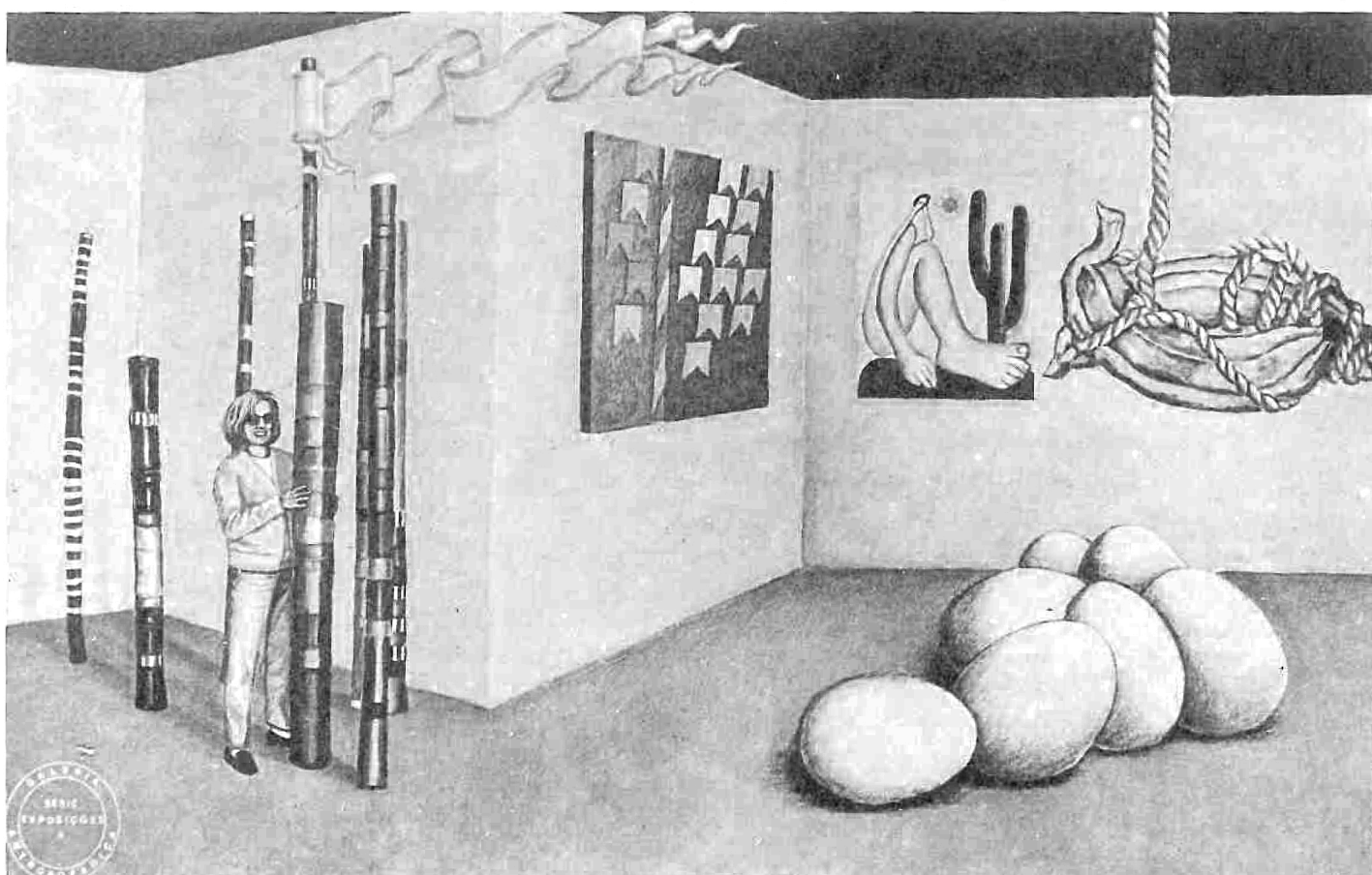
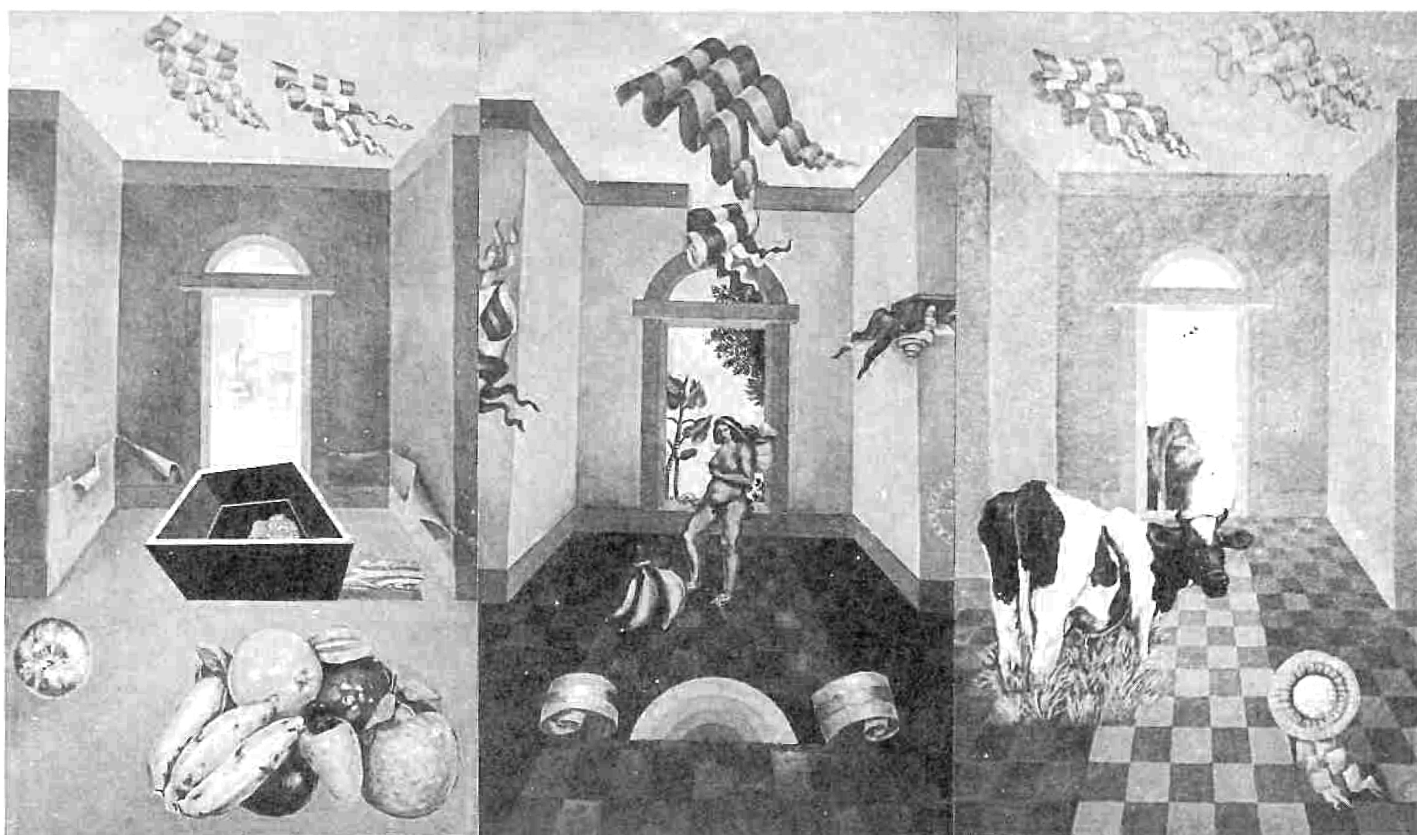




**UFMT / museu de arte e de cultura popular**

## márcio sampai

CIDADE UNIVERSITÁRIA — BLOCO DE TECNOLOGIA — 78.000 — CUIABÁ — MATO GROSSO



De algum tempo para cá, cada vez mais se afirma a posição de Cuiabá como importante polo no desenvolvimento das artes plásticas nacionais, quer pelo grupo de artistas, quer pelo público emergente e atualizado que o MACP vem procurando estimular. A exposição "Galeria Antropofágica", do atuante artista e crítico de arte mineiro MÁRCIO SAMPAIO, revela-nos excelente indagação sobre a arte brasileira, marcando, sem dúvida alguma, evento de grande interesse para a ampliação da cultura artística do público deste Museu.

**Humberto Espíndola**, diretor  
agosto de 1978





**MÁRCIO SAMPAIO** (Santa Maria de Itabira, MG, 1941). Artista plástico, crítico de arte, escritor e jornalista. Teve suas primeiras lições de pintura com Emília de Caux, em Itabira. Reside em Belo Horizonte, onde desde 1959, desenvolve intensa atividade artística. É assessor de imprensa e coordena exposições na Fundação Palácio das Artes (FPA). Realizou numerosas pesquisas sobre Arte Brasileira, publicando seus trabalhos em jornais e revistas, especialmente no Suplemento Literário do "Minas Gerais" e no "Ars Media" da FPA. Organizou vários salões, exposições e manifestações artísticas no Museu de Arte da Pampulha, Imprensa Oficial, Palácio das Artes e Cultura Francesa, e participou de júris dos Salões do Museu de Arte da Pampulha, Panorama da Arte Brasileira (Museu de Arte Moderna de São Paulo), Salão de Arte Contemporânea (Museu de Arte Contemporânea de Campinas), Salão de Verão e Arte Agora I/Brasil 70-75 (Museu de Arte Moderna, Rio), Concurso Estadual de Artes Plásticas da Caixa Econômica do Estado de Goiás (Goiânia) e Salão Global de Recife. Foi um dos dois críticos comissionados pela Fundação Bienal de São Paulo para realizar a seleção dos artistas brasileiros para a Bienal Nacional de 1974, tendo para isso visitado todos os Estados brasileiros. Participou da IX Bienal de São Paulo (1967) e obteve premiações no XXI Salão de Arte de Belo Horizonte (1966); I Salão Global de Inverno (1973); Salão Santos Dumont (1973). Em 1973 foi convidado especial do Salão de Curitiba e, em 1974, obteve o primeiro prêmio (viagem a Europa) do III Salão Global de Inverno (Belo Horizonte). Participou de várias coletivas representando a arte mineira e brasileira no país e no exterior, destacando-se as mostras: "Três Aspectos do Desenho Brasileiro Contemporâneo", organizada pelo Itamaraty e apresentada em várias cidades da América Latina, em 1968; "Dez Desenhistas Mineiros", no Instituto Brasil-Estados Unidos, Rio, 1969; "Quatro Mineiros", Galeria Marte-21 e "Envelopes", na Galeria Grupo B, Rio, 1974; "Exposição Giramundo", na Galeria Guignard, Belo Horizonte, 1975. Realizou mostras individuais em Itabira (1963/64 e 65) e em Belo Horizonte, na Galeria do ICBEU (1965), Galeria Grupiara (1966) e Galeria Guignard (1969). Sua exposição/resumo, reunindo trabalhos de 1966 a 1976, foi apresentada em várias cidades mineiras. Em 1977 participou da mostra Arte Agora II/Visão da Terra, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Obteve vários prêmios de literatura, tendo publicado os seguintes livros de poesia: "Rubro Apocalíptico" (1964); "O Ciclo de Barro" (1965); "O Tempo em Minas" (1975). Sua novela para crianças "Dr. Clorofila contra Rei Poluidor", teve segunda edição em 1974.

## A "GALERIA ANTROPOFÁGICA" DE MÁRCIO SAMPAIO

O ateliê de Márcio Sampaio abre janela para uma paisagem estranha onde o falso gótico da igreja da Boa Viagem, engolfado no verde de imensas árvores, se articula com os quatro andares de concreto segurando filas de carro à venda.

O quadro é sintomático e serve perfeitamente para ilustrar o trabalho que o pintor vem desenvolvendo desde 1971, sob a denominação de "Galeria Antropofágica", que se fundamenta no "Manifesto Antropófago" de Oswald de Andrade, e nas idéias de Marcel Duchamp. Criticamente, Márcio Sampaio vai desenvolvendo o seu trabalho, com paciência e humor, devastando diferentes áreas das artes visuais e da cultura brasileiras, às vezes com lirismo, às vezes com ironia.

A sua idéia de antropofagia cultural, encontra-se hoje como um dos pontos básicos para a compreensão do caráter da arte brasileira, que Oswald enunciou no manifesto de 1928.

Sua pintura é assim um trabalho de crítica — ele procura definir com a própria pintura, a arte brasileira — sem contudo perder a qualidade pictórica, plástica. Aliás, deve ser ressaltado o alto nível técnico de que se serve o artista, um pintor que domina, tranquilamente, todas as formas de expressão plástica.

A exposição desses trabalhos vai possibilitar ao público um contato mais aprofundado com as idéias do artista: quadros, textos, objetos, através dos quais se encontram as linhas de um pensamento crítico, claro e seguro, onde a arte brasileira, posta em questão, se afirma pela própria pintura de Márcio Sampaio. É que, segundo Oswald (Tupy or not Tupy) Andrade, deglutimos fatalmente a cultura européia: na terra de índios, puros e selvagens, tivemos que deglutir os séculos que fizeram Europa, sob pressão das conquistas pós-cabralinas. Era assim necessário digerir aquela cultura e devolvê-la ao nível de nossa realidade. A fatalidade da conquista européia, fez da América um mundo novo. "Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados, pelos turistas. No País da Cobra Grande" (Oswald), em contrapartida, comemos o Bispo Sardinha.

Como o pintor Márcio Sampaio reduz plasticamente estas idéias em seus quadros? Na série sobre arte brasileira, um dos 15 quadros dispostos como uma pequena galeria, mostra, através da imagem do Abaporu (personagem do famoso quadro de Tarsila, que deu início ao movimento antropofágico da década de 20), colocado frente a uma exposição de Mondrian, como o brasileiro absorveu um tipo de arte construtiva e a refez, ao nível da nossa realidade, num dos movimentos da maior importância da década de 50: o neo-concretismo. Ou nos quadros mais recentes uma série de ficção, em que o suprematista russo, Malevitch (autor do famoso quadrado branco sobre quadrado branco) traz para o Brasil a sua arte rigorosa que se ilumina de sol tropical. Também os objetos que Márcio Sampaio chama de "múltiplos pobres" ou "materiais da vida" são versões caipiras, contundentemente ironicas, dos ready-mades de Marcel Duchamp, aliás uma presença amplamente citada na obra do artista.

Assentada nestas bases, a obra de Márcio Sampaio caminha hoje para uma nova posição crítico-criativa. "Na série sobre Malevitch já enunciava uma hipótese de que a vocação construtiva da arte brasileira se justifica na própria tradição da arte indígena, formalmente tão próxima de obras fundamentais do neo-concretismo: Oiticica, Clark, Serpa e possivelmente de um Volpi. O que se chama hoje de uma "Geometria Sensível" poderia se aproximar da "Geometria Mágica" dos índios Kamaiurá, especialmente das formas com que eles animam os troncos de árvore para o "ritual do Quarup". É neste sentido — o de encontrar na reação ao rigor construtivista do concretismo suíço operada pelos neo-concretos no final dos anos 50 —, que Márcio Sampaio direciona seu novo trabalho. Ele vai buscar nas raízes culturais do Brasil a proposta para uma arte nova, de essencialidade nacional.

**Celma Alvim**